

# **Uma utopia editorial: A história da Xisto Colonna Edições de Arte**

*An editorial utopia: The history of the Xisto Colonna Edições de Arte*

Manoel Deisson Xenofonte Araujo, Solange Galvão Coutinho, Edna Cunha Lima

memória gráfica, editoras particulares, Xisto Colonna, Sérvulo Esmeraldo

O objetivo deste artigo é apresentar a história e características da produção da editora Xisto Colonna, um empreendimento criado por Sérvulo Esmeraldo e Dodora Guimarães que produziu livros de artista no Ceará entre 1982 e 2008. A abordagem se dá pelo campo da Memória Gráfica, uma vez que visa contribuir para a constituição de uma história do design e produção gráfica no Brasil, situando o Ceará entre os estados que manifestam ou manifestaram a existência de editoras particulares. Para tanto, utiliza-se de entrevistas realizadas com Dodora Guimarães, bem como dos acervos do Instituto Sérvulo Esmeraldo e Instituto de Arte Contemporânea de São Paulo.

*graphic memory, private press, Xisto Colonna, Sérvulo Esmeraldo*

*The aim of this paper is to present the history and production characteristics of the Xisto Colonna publishing house, an enterprise created by Sérvulo Esmeraldo and Dodora Guimarães that produced artists' books in the state of Ceará, Brazil, between 1982 and 2008. The approach is undertaken through the field of Graphic Memory since it aims to provide a contribution toward the history of design and graphic production in Brazil, placing Ceará among the states that either manifest or have manifested the existence of private publishing houses. Therefore, it uses interviews with Dodora Guimarães, as well as collections from the Instituto Sérvulo Esmeraldo and Instituto de Arte Contemporânea de São Paulo.*

## **1 Introdução**

O presente artigo parte de um desdobramento de pesquisa sobre Sérvulo Esmeraldo, contemplada com uma bolsa de estudos concedida e concluída ao primeiro autor pelo Instituto de Arte Contemporânea – IAC-SP, no ano de 2022. Enquanto a pesquisa original tinha como foco a relação entre o artista e a xilogravura tradicional no Cariri (Microregião do Sul Cearense), esta volta-se para a produção editorial realizada por Esmeraldo a partir da criação da Xisto Colonna, empreendimento nascido na década de 80 e orientado à publicação de edições de arte. Ao conhecemos o modelo de produção da editora, logo a relacionamos no contexto de outras editoras particulares brasileiras, desenvolvendo conteúdos que prezam pela qualidade gráfica, se utilizam de modelos artesanais de impressão, encadernação e se encontram geralmente fora do circuito comercial.

No caso específico da Xisto Colonna, os livros produzidos eram orientados a um público restrito de bibliófilos, colecionadores e apreciadores de arte, visto que possuíam uma tiragem limitada de exemplares numerados e assinados pelos artistas e escritores envolvidos. Nesse sentido, as edições se inserem na categoria de "livros de artista", termo compreendido aqui como:

**Uma utopia editorial: A história da Xisto Colonna Edições de Arte**

Manoel Deisson Xenofonte Araujo, Solange Galvão Coutinho, Edna Cunha Lima

**Sociedade Brasileira de Design da Informação – SBDI**  
Caruaru | Brasil | 2023

**ISBN**

**An editorial utopia: The history of Xisto Colonna Edições de Arte**

Manoel Deisson Xenofonte Araujo, Solange Galvão Coutinho, Edna Cunha Lima

**Sociedade Brasileira de Design da Informação – SBDI**  
Caruaru | Brazil | 2023

**ISBN**

... uma categoria (ou prática) artística que desenvolve tanto a experimentação das linguagens visuais como a experimentação das possibilidades expressivas dos elementos constituintes do livro ele mesmo. O transporte do significado do texto para o volume em si pode ser muito radical, caso específico em que a obra passa a ser denominada livro-objeto. Assim, nem todo livro de artista é um livro-objeto, mas certamente todo livro-objeto é um livro de artista. Seu repertório é infinito. Mas registra com muita frequência a inclusão de comentários e registros temporais. (Silveira, 2008, p. 77).

A abordagem desta investigação se dá a partir do campo da Memória Gráfica, uma vez que visa “contribuir para o enriquecimento da história do design gráfico ao identificar, entre seus objetos de estudos peças gráficas e personagens que possam ser considerados parte da constituição de uma ‘cultura projetiva local’” (Farias & Braga, 2018, p. 21). Dentro deste campo, destaca-se o projeto PROCAD/CAPES (2008-2013) *Memória Gráfica Brasileira: estudos comparativos de manifestações gráficas nas cidades do Rio de Janeiro, Recife e São Paulo* – que fortaleceu uma rede de pesquisadores (Lima, 2018; Coutinho, 2018).

Aqui o objeto de interesse compreende tanto a história da editora quanto às publicações realizadas, algo que toma por referência trabalhos como o de Guilherme Cunha Lima (1997) e Flávio Vignoli (2020), sobretudo na relação estabelecida entre as gráficas particulares<sup>1</sup> e os livros de artista.

Compreendendo que a meta final dos estudos da Memória Gráfica no Brasil envolve “inserir os artefatos gráficos na cultura, na memória e na identidade local de um povo” (Farias & Braga, 2018, p. 24), pretende-se aqui lançar um olhar sobre a produção cearense a partir do caso da editora de Sérvulo Esmeraldo, quando o artista estabelece residência definitiva na capital do Ceará. Para tanto, será apresentada brevemente a história, modelo de produção e distribuição e características dos impressos da Xisto Colonna, informações que contaram com entrevistas à companheira e sócia de Esmeraldo, Dodora Guimarães<sup>2</sup>, bem como consultas aos acervos do Instituto de Arte Contemporânea (IAC-SP) e do Instituto Sérvulo Esmeraldo (ISE).

## 2 Xisto Colonna Edições de Arte

No ano de 1980, o artista cearense Sérvulo Esmeraldo retornou definitivamente à sua terra após passar mais de 20 anos residindo na França, onde estudou gravura, estabeleceu relações importantes no campo das artes e desenvolveu suas técnicas em torno de esculturas e obras cinéticas. Nesse país, a experiência e o amor de Esmeraldo pela tipografia, gravura e processos gráficos lhe rendeu também o desenvolvimento de livros-objeto, livros de artista e

<sup>1</sup> Cordeiro (2020) usa o termo “Gráfica Particular” para situar as iniciativas que envolvem a produção de livros e impressos com qualidade gráfica artesanal, a exemplo do movimento inglês das *Private Presses*. Lima (1997) utiliza-se também dos termos: “Impressoras Particulares” e “Impressos Particulares”.

<sup>2</sup> Maria Auxiliadora Guimarães Esmeraldo, conhecida como Dodora Guimarães, esposa de Sérvulo Esmeraldo e dirigente do Instituto dedicado ao artista. Tem experiência na área de gestão cultural desde 1982, tendo criado e dirigido a Arte Galeria, responsável por exposições importantes na década de 80 e 90. Esteve à frente do Centro de Artes Visuais Raimundo Cela (1994-2006) e foi curadora do Sobrado Dr. José Lourenço entre 2007 e 2014.

(<https://mapacultural.secult.ce.gov.br/agente/10382>). Neste ano de 2023, ela fez, juntamente com Marcus Lontra, a curadoria da exposição Linha e Luz, no Centro Cultural Banco do Brasil, no Rio de Janeiro.

capas diversas. Esta bagagem é somada ao empenho em criar um mercado para a categoria de livros de artista no Ceará, resultando na Xisto Colonna Edições de Arte, empresa que foi publicamente registrada no ano de 1982, em Fortaleza por Esmeraldo e Dodora Guimarães.

A exemplo de outras iniciativas de editoras particulares, a Xisto Colonna visava projetar e produzir livros com qualidade artesanal e em tiragem limitada, a partir de parcerias com artistas, gravadores, poetas e escritores. Convém aqui ressaltar que, apesar de sua experiência na França ter sido importante em sua formação artística, os conhecimentos gráficos e tipográficos de Esmeraldo precedem esse período, visto que ainda aos 13 anos de idade passou a frequentar o universo dos impressos em uma gráfica da cidade do Crato, aprendendo sobre as técnicas, materiais e manuseio de maquinários e confecção de gravuras. Tempos depois, no primeiro período em que residiu em Fortaleza (1947-1951) trabalhou na Gráfica do Instituto do Ceará, à época dirigida pelo escritor Fran Martins. Ele frequenta também a Imprensa Universitária da Universidade Federal do Ceará - UFC e colabora com os impressos do grupo CLÃ e da Sociedade Cearense de Artes Plásticas - SCAP<sup>3</sup>.

No que concerne às artes gráficas, a experiência no velho mundo proporcionou o contato com tecnologias, técnicas e tendências pouco exploradas em Fortaleza nas décadas de 60 e 70, como a xerox, arte computacional, e serigrafia. Além da efervescência francesa em torno de exposições e editoras de livros-objetos e livros de artista, que lhe proporcionaram convites e parcerias com editores como Claude Givaudan<sup>4</sup>, Robert Morel<sup>5</sup> e Guy Schraenen<sup>6</sup>.

Nesse período europeu, é patente também o interesse aprofundado de Esmeraldo sobre tipografia e letreiramentos, que se manifesta nas obras constantes em sua biblioteca – hoje pertencentes ao acervo do Instituto de Arte Contemporânea (IAC-SP) – como *Physiognomie de la lettre e Caracteres Typographiques*, além de catálogos tipográficos como o da fundidora francesa Olive e exemplares da revista *Typographische Monatsblätter*, um periódico idealizado pela associação dos tipógrafos suíços em 1933.

É com essa bagagem conceitual e ferramental que Esmeraldo embarca na Xisto Colonna. Conforme Dodora Guimarães, o título da editora nasceu como resposta em tom de brincadeira a uma indignação de Esmeraldo quanto à falta de espaço dedicado às artes em um importante

<sup>3</sup> Sociedade Cearense de Artes Plásticas - SCAP foi criada em 1944, a partir do embrião do Centro Cultural de Belas Artes - CCBA, fundado por Mário Baratta (1915 - 1983). Reunia nomes como Aldemir Martins, Antonio Bandeira e Gustavo Goebel Weyne. Dentro do grupo da SCAP nasce o Grupo CLÃ (Clube de Literatura e Arte Modernas, inicialmente CLAM), uma formação de intelectuais, artistas, literatos e filósofos que tinham o propósito de enaltecer a intelectualidade cearense. Dentre os membros, destacam-se nomes como: Fran Martins, Mozart Soriano Aderaldo e Antônio Girão Barroso. Fontes: <<https://imprensa.ufc.br/pt/colecoes/colecao-revistas-cla/>> e <<https://enciclopedia.itaucultural.org.br/instituicao16892/sociedade-cearense-de-artes-plasticas-scap>> Acesso em: 17 de abril de 2023.

<sup>4</sup> Segundo Dodora Guimarães (2022), o editor e galerista Claude Givaudan convidou Sérvalo para desenvolver uma série um livro-objeto composto por três poemas-objetos, o qual participou da 1ª Exposição do livro Objeto, realizado em Nice no ano de 1967.

<sup>5</sup> Robert Morel editou em 1965 o livro *Via Sacra*, de Mestre Noza, contendo texto de Esmeraldo e gravuras encomendadas por ele ao Mestre Inocêncio da Costa Nick (Perlingeiro, 2013).

<sup>6</sup> Guy Schraenen editou em 1976 um livro com texto de Esmeraldo intitulado: *Méthode Pratique et Illustrée Pour Construire un Excitable Précédée d'une Notice sur L'écriture Statique* (Perlingeiro, 2013).

jornal impresso de Fortaleza: *O Povo*. Uma vez que constatou que não havia nenhuma coluna dedicada às artes dentre as cinco presentes n'*O Povo*, a editora faria simbolicamente o papel de uma “sexta coluna”, dedicando-se a promover e enaltecer a arte no Ceará<sup>7</sup>.

Figura 1: Marca da Xisto Colonna. Fonte: Retirado da capa do livro *O Nominador* (Acervo do ISE)



Os trabalhos iniciavam com o convite realizado por Esmeraldo a colegas e amigos artistas e escritores, dos quais contam Aldemir Martins, Leonilson, Alberon Soares, Flávio Shiró, Arthur Luiz Piza, Jacob Klintowitz, Otacílio Colares e Pedro Henrique Saraiva Leão.

Conforme entrevista com Dodora Guimarães, a produção de cada livro era feita de modo artesanal, indo desde a fabricação do papel até a composição tipográfica, encadernação e embalagem. O papel para as gravuras era feito do aproveitamento de aparas de papel coletadas em gráficas locais, as quais eram transformadas em polpa em um liquidificador industrial para depois moldar-se em folhas com o auxílio de telas construídas pelo próprio Esmeraldo. Neste processo, experimentou também a adição de fibras naturais, como folha de bananeira (Esmeraldo, 2023).

Para a impressão de gravuras utilizavam de seu ateliê localizado na Praia de Iracema, o qual contava com um prelo manual suíço adquirido por Esmeraldo no Rio de Janeiro, por ocasião de uma de suas exposições. O prelo foi inaugurado em 1981, recebendo o nome de *Oswaldo Goeldi* em homenagem ao exímio gravador que exerceu grande influência sobre o artista (Figura 2).

<sup>7</sup> Aqui Esmeraldo faz um neologismo com as palavras, empregando o termo "xisto" como referência ao numeral "sexta/sexta" e tomando emprestado do italiano a palavra "colonna", como tradução para "coluna". O resultado é um título que soa como um termo em latim.

Figura 2: Prelo Oswaldo Goeldi antes da sua recuperação, em 2023, por Leonardo Buggy.  
Fonte: Fotografia do primeiro autor



Já para a composição e impressão de texto, usufruíram dos tipos e maquinários da Imprensa Universitária da Universidade Federal do Ceará, localizada no campus do Benfica. A Imprensa Universitária é um órgão que foi incorporado à UFC em 1956, a partir da aquisição do espaço e equipamentos da antiga Tipografia Lusitana, pelo então reitor Antônio Martins Filho. Em fotografia do ano de 1962 é perceptível a dimensão da gráfica, à essa altura já contando com máquinas de porte, como alguns Linotipos e uma prensa plana alemã Mercedes (Figura 3).

Figura 3: Imprensa Universitária em 1962. Fonte:  
<<https://www.ufc.br/noticias/noticias-de-2016/8277-imprensa-universitaria-comemora-60-anos-reforcando-a-producao-de-livros-eletronicos>> Acesso em 07 de abril de 2023



Segundo Dodora, a ideia desde o início era que as produções sempre envolvessem texto e gravura, estrutura essa que se manteve nos seis títulos que editaram entre 1983 e 2008, quando a Xisto Colonna encerrou suas atividades. Os títulos publicados foram:

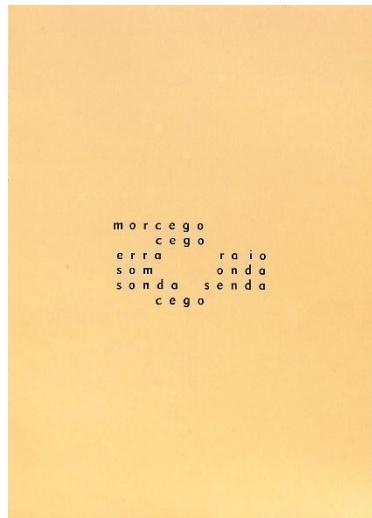
- *Branco-Preto, Branco-Preto* (1982) – Texto de Jacob Klintowitz e gravuras de Sérvulo Esmeraldo;
- *Concretemas* (1983) – Poesias concretas de Pedro Henrique Saraiva Leão e uma gravura de Sérvulo Esmeraldo. Prefácio de José Alcides Pinto;
- *Caminhos* (1983) – Texto de Otacílio Colares e xilogravuras de Alberon;
- *O Nominador* (1983) – Texto de Jacob Klintowitz e estampas de Sérvulo Esmeraldo;
- *Chuva do Caju* (1983) – Poema de Joaquim Cardozo e xilogravuras de Aldemir Martins;
- *Leonilson, 10 Linoleogravuras* (2008) – Poema e carta de Leonilson, texto de Dodora Guimarães e linoleogravuras de Leonilson.

Conforme informações contidas nos colofões, com exceção do livro *Leonilson, 10 Linoleogravuras*, publicado em 2008 (Figura 4), todas as outras produções contêm textos compostos com tipos móveis e imagens feitas por xilogravura ou xilogravura mecânica – um termo utilizado por Sérvulo Esmeraldo para referir-se a gravuras que contam com o processo mecânico na realização das matrizes, utilizando-se de máquinas fresadoras para gravar na madeira. No caso específico do livro *Concretemas*, há apenas uma gravura de Esmeraldo, sendo o restante do conteúdo formado por poesias concretas impressas em tipografia pelo artista a partir dos originais datilografados de Pedro Henrique Saraiva Leão (Figura 5).

Figura 4: Páginas do livro *Leonilson, 10 Linoleogravuras*. Fonte: acervo do ISE



Figura 5: Página do livro *Concretemas*. Fonte: Acervo do ISE



As tiragens eram limitadas em geral a um número de 60 impressões (à exceção de *O Nominador*, que teve 90), sendo todas numeradas e assinadas pelos artistas envolvidos. Duas edições eram destinadas à reservas públicas, sendo numeradas como “0” e “00”, onde uma era doada à biblioteca estadual e outra à nacional. No caso específico do livro *Chuva do Caju*, a edição de número 1 era vendida juntamente com as matrizes xilográficas originais (Figura 6).

Figura 6: parte interna do livro *Chuva de Caju*. Fonte: acervo do ISE



A produção da Xisto Colonna teve dois modelos distintos de formato: A Coleção Códices e Coleção Rótulos. Os livros da Coleção Códices eram produzidos no formato de 18,5 x 13 cm e continham luva<sup>8</sup> e capa feitas em papel paraná. O interior dos livros da Coleção Códices apresentava geralmente uma encadernação costurada à mão para o volume de texto, enquanto as gravuras eram dispostas como lâminas avulsas (Figura 7).

Figura 7: Detalhes do livro *Branco-Preto, Branco-Preto*. Fonte: Fotografias do primeiro autor a partir do acervo do ISE



Já a Coleção Rótulos (a qual teve uma única edição publicada) tinha o formato de 13,2 x 9,3 cm, e o volume era encadernado a partir de costura manual (Figura 8):

<sup>8</sup> A luva é um termo utilizado no design editorial para denominar uma segunda capa para revistas ou livros.

Figura 8: Detalhes do livro *O Nominador*. Fonte: Fotografias do primeiro autor a partir do acervo do ISE



A divulgação dos livros da editora Xisto Colonna envolvia eventos de lançamento, que por sua vez rendiam folders ou convites projetados por Esmeraldo. Um exemplo disso pode ser conferido no folder de lançamento do livro *Chuva do Caju* (Figura 9).

Figura 9: Folder do lançamento do livro *Chuva do Caju*. Fonte: Fotografia do primeiro autor a partir do acervo do ISE



Dodora Guimarães explica que as publicações eram ofertadas por telefone aos principais colecionadores da época. Dentre estes, destaca-se o bibliófilo José Mindlin, o qual realizou aquisições diversas da editora ao longo de sua existência. Os livros da Xisto Colonna participaram também de exposições nacionais, como é o caso do *IV Poucos e Raros*, ocorrido no Museu Universitário Solar Grandjean de Montigny (PUC-Rio) em 1985, com tema orientado aos livros de artista:

Dada a grande produção observada nos anos 1983/84, escolheu-se o segmento dos livros e edições de arte. Estas, produzidas por empresas patrocinadoras, Instituições, galerias e, excepcionalmente, por editoras comerciais; dedicadas basicamente à produção do livro de arte, e por artistas plásticos, individualmente. (PUC-Rio, 1985)

Apesar dos esforços, a Xisto Colonna não encontrou um mercado ávido ao formato de livros de artista no Ceará à época, fato que, somado ao dispendioso trabalho artesanal dedicado a cada exemplar, fez com que o empreendimento não se sustentasse ao longo das décadas

seguintes. A última edição (*Leonilson 10 Linoleogravuras*) foi publicada no ano de 2008, contando com um prefácio de Dodora Guimarães onde resume a história da editora:

A Xisto Colonna foi a nossa utopia de uma editora de livros de artista em Fortaleza. Ideia engendrada e tocada por Sérvulo Esmeraldo que previa a criação de um mercado para esta linguagem pouco praticada no Brasil ainda hoje. Evidentemente que o nosso barco não encontrou em Fortaleza água suficiente para o seu calado. Mas essa é outra estória. Importa agora dizer que a Xisto Colonna, apesar dos tempos, preza a excelência do fazer artesanal, e que a proposta lançada pelo editor Sérvulo a Leonilson, em 1984, foi costurada a muitas mãos, por mais de duas décadas. (Esmeraldo, 2008, p. 04)

Esmeraldo dedicou-se à Xisto Colonna em paralelo a sua produção artística, a qual envolve as esculturas monumentais que marcam o espaço urbano de Fortaleza e a Exposição Internacional de Esculturas Efêmeras – com edições realizadas por ele nos anos de 1986 e 1991, e obras de nomes importantes do cenário nacional e internacional, como Bruno Munari, Lygia Clark, Julio Plaza e Tomie Ohtake. No período de existência da editora, houve também o desenvolvimento de livros de artista e de catálogos que foram realizados fora do selo da Xisto Colonna, como é o caso do livro publicado em 2000 intitulado *Escultura Pênsil*, com fotografias de esculturas suas realizadas em 1987 por Arnaldo Fontenele e texto de Alex Nicolaeff (Amaral, 2011).

Entre 2008 e 2016, Esmeraldo participou de dezenas de exposições individuais e coletivas, criando obras que versam entre a escultura e as artes gráficas. Ele faleceu no ano de 2017, deixando um vasto legado artístico no Ceará e Brasil e um acervo aberto ao público com a criação do Instituto Sérvulo Esmeraldo no ano de 2013. O instituto atua ainda como instituição cultural, promovendo exposições e eventos de arte no Cariri, como o Festival Sérvulo Esmeraldo, que ao longo de suas edições proporcionou a troca de saberes a partir de palestras, oficinas e vivências artísticas com nomes importantes do cenário nacional.

### 3 Considerações finais

Espera-se que esta apresentação possa contribuir para um mapeamento das gráficas particulares no Brasil, somando o Ceará ao rol de estados que manifestam um histórico nesse segmento. Ressalta-se que o fato de a Xisto Colonna ter vendido poucos livros fez com que se conservassem muitos exemplares em posse da editora, as quais se encontram no atual Instituto Sérvulo Esmeraldo. Segundo Dodora, à época, o próprio Esmeraldo via o lado positivo da pouca comercialização, uma vez que compreendia o valor futuro daqueles artefatos. Este acervo soma-se a outros itens e documentos presentes no instituto, que permitirão análises gráficas e estudos mais aprofundados a serem realizados pelo autor e autoras, a exemplo do que se tem sido feito no campo da memória gráfica – sobretudo a partir do projeto supracitado; *Memória Gráfica Brasileira*, que consolidou uma rede que hoje se amplia em diversas cidades do país. Por exemplo, em Pernambuco, foram organizados eventos como o *Memória Gráfica no Agreste*, na cidade de Caruaru em 2017, dele derivou um livro homônimo em 2018

(Valadares, 2018). Além disso, foi criado em 2021, um grupo de pesquisa cadastrado no CNPq, coordenado pela professora Camila Brito de Vasconcelos (UFPE, Campus do Agreste) denominado *Memoráveis: manifestações gráficas afetivas*, que reúne mais de 40 pesquisadores de dez estados do país.

Para além, almeja-se que a editora Xisto Colonna sirva como uma referência histórica para iniciativas similares. O modelo de produção em que se utiliza de tipografia manual tem rendido projetos de qualidade gráfica que se destacam frente ao padrão dos impressos digitais e offset, podendo citar exemplos dentro e fora da academia, como o Laboratório de Tipografia do Ceará – LTC (UFC), o Laboratório de Tipografia do Agreste – LTA (UFPE/CAA), o Laboratório de Práticas Gráficas – LPG (UFPE/Recife), a Tipografia do Zé (MG), a Letterpress Brasil (SP) e Oficina Tipográfica de São Paulo (SP). Em comum, estas iniciativas demonstram compartilhar um apreço à materialidade, experimentação e qualidade gráfica artesanal, algo que evoca a utopia de Sérvulo Esmeraldo e Dodora Guimarães.

## Referências

- Amaral, A. (Org.). (2011). *Sérvulo Esmeraldo*. São Paulo: Pinacoteca do Estado de São Paulo.
- Bonfim, S. M. (2015). *Os Excitáveis e as energias invisíveis: arte, ciência e engenhos de luz num panorama sobre o percurso de Sérvulo Esmeraldo a partir dos arquivos do artista*. (Dissertação não publicada) – Universidade Federal do Ceará, Instituto de Cultura e Arte, Programa de Pós-Graduação em Artes, Fortaleza.
- Cordeiro, F. V. (2020). *Performance mecânica na produção dos Livros que Não Tenho e outros livros de artista impressos em tipografia no Brasil*. (Dissertação não publicada) – Universidade Federal de Minas Gerais, Escola de Belas Artes.
- Coutinho, S. G. (2018). Impactos do Projeto MGB em Pernambuco. In Valadares, P. (Org.). *Memória Gráfica no Agreste* (pp. 146-155), Recife: CEPE.
- Esmeraldo, M. A. G. (2023). Entrevista concedida ao primeiro autor, 18 de março de 2023.
- Esmeraldo, M. A. G. (2022). Entrevista concedida ao primeiro autor, 04 de agosto de 2022.
- Esmeraldo, M. A. G. (2008). Obra de amigos tecida com a linha do tempo. In: *Leonilson 10 linoleogravuras*. Fortaleza: Xisto Colonna Editor.
- Esmeraldo, S. (2011). *Sérvulo Esmeraldo*. São Paulo: Pinacoteca do Estado de São Paulo.
- Farias, P. & Braga, M. C. (2018). *Dez ensaios sobre memória gráfica*. São Paulo: Blucher.
- Lima, E. C. (2018). Impressões sobre a Memória Gráfica do Agreste. In Valadares, P. (Org.). *Memória Gráfica no Agreste* (pp. 12-17), Recife: CEPE.
- Lima, G. C. (1997). *O Gráfico Amador: as origens da moderna tipografia brasileira*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ.
- PUC-Rio. (1985). Descrição da Exposição Poucos e Raros. Disponível em: <[https://www.puc-rio.br/sobrepu/depto/solar/expos\\_85/poucos\\_raros.html](https://www.puc-rio.br/sobrepu/depto/solar/expos_85/poucos_raros.html)> Acesso em 20/04/2023
- Valadares, P. (Org.). (2018). *Memória Gráfica no Agreste*. Recife: CEPE.

**Sobre o(a/s) autor(a/es)**

Manoel Deisson Xenofonte Araujo, Doutorando, UFCA, Brasil <[deisson.araujo@ufca.edu.br](mailto:deisson.araujo@ufca.edu.br)>  
Solange Galvão Coutinho, Dra., UFPE, Brasil <[solange.coutinho@ufpe.br](mailto:solange.coutinho@ufpe.br)>  
Edna Cunha Lima, Dra., PUC-Rio, Brasil <[ednacunhalima@gmail.com](mailto:ednacunhalima@gmail.com)>